

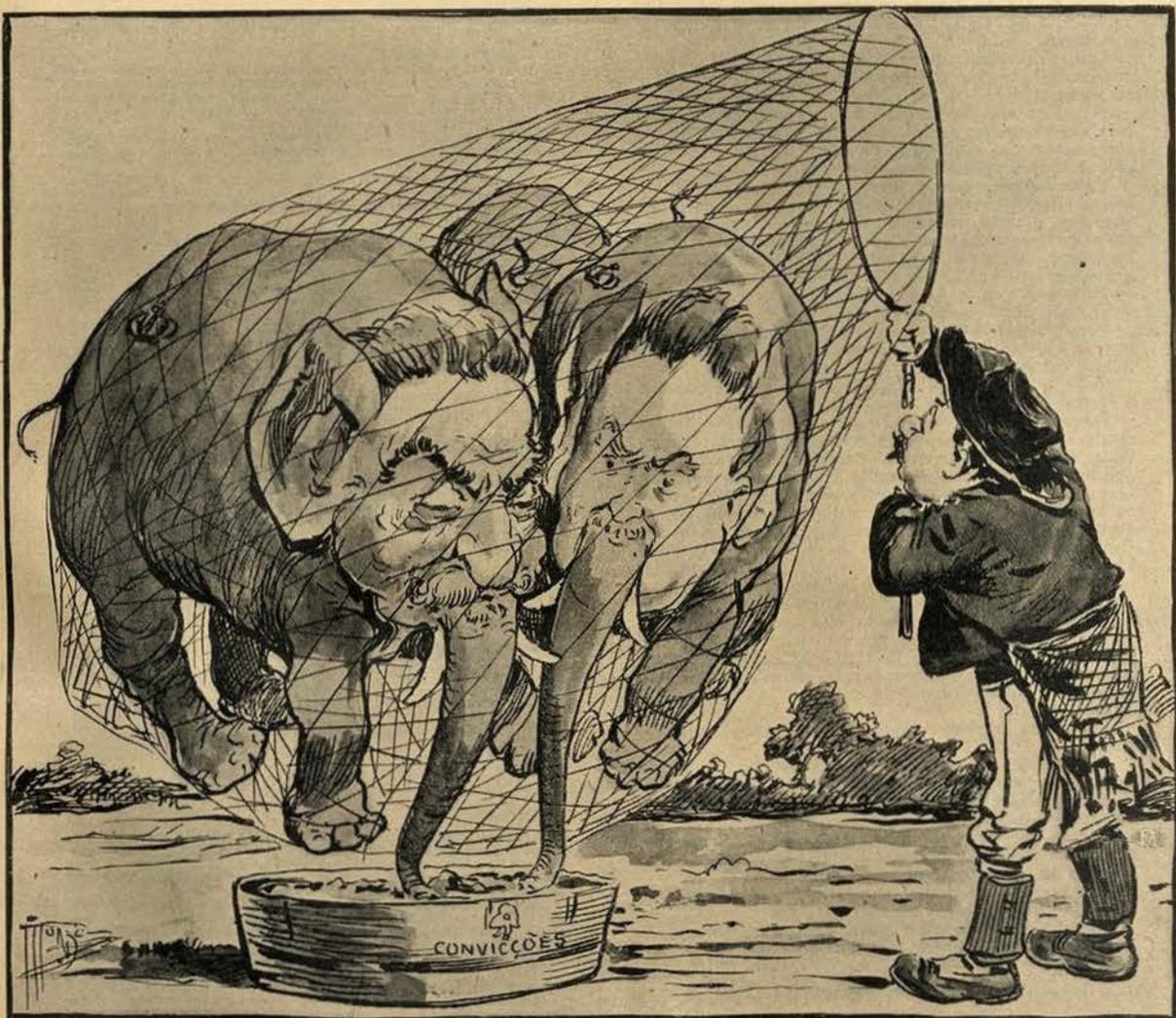


## UM CAÇADOR DE "ELEPHANTES"

Regressou a Londres d'uma expedição cinegetica ao Congo o famoso caçador das selvas mr. James Sutherland.

Este intrepido caçador dedicou-se especialmente nos ultimos onze annos ás caçadas de elephantes. Percorreu o Congo, a Africa portuguesa, Africa alemã e a Africa central britanica. No anno passado matou trinta elephantes, além d'um numero razoavel de leões, leopardos e hippopotamos. Até agora cahiram debaixo das suas balas 447 elephantes adultos.

Mister Sutherland propõe-se voltar brevemente á Africa para recommear as suas proezas cinegeticas. Diz ele que se aborrece soberanamente nas cidades, onde passeiam feras muito mais temiveis, na sua apparencia de civilisação, do que as que se lhe deparam nas solidões africanas. Talvez tenha razão o inglés. — (Do *Diario de Noticias*).



Mister Sutherland da Costa propõe-se recommear as suas proezas... que ainda não interrompeu...

# TUDO PRESO!

Desde que aquella gloriosa manhã de 5 d'outubro de 1910 raiou com o sr. Machado dos Santos na Rotunda e o sr. Teixeira de Souza no quartel general, a implantarem n'um esforço commum a Republica, tem sido um nunca acabar de prisões!

Primeiro foram os *jasuitas* e as irmãs da caridade; depois os thalassas suspeitos de conspiradores; em seguida os grévistas a *soldo do dinheiro da reacção*; logo atraz d'estes os *paivantes* da 1.<sup>a</sup> incursão; depois mais grévistas syndicalistas e mais thalassas reaccionarios; e mais paivantes da 2.<sup>a</sup> incursão. Aqui parou a primeira parte da grande *fita*.

Começou então a segunda. Romperam a dança os republicanos do 27 d'abril, e desde esse dia para cá nunca mais a machina deixou de trabalhar com uma regularidade mathematica, enchendo os carcereiros da *fraternidade*, de reaccionarios, traidores e anarchistas — como elles dizem.

Qual é o numero de prisões effectuadas desde que a *tyrannia* foi banida d'este paiz e a *liberdade* veiu carinhosamente beijal-o?

Assim é difficil fazer-se o calculo, e portanto quem deseje colher esses informes para alguma estatistica liberal deve inquirir mas é de quantas pessoas ainda estão soltas. Por aqui, é que é o caminho mais simples por ser menos difficil a contagem.

Quantas pessoas restam ainda á clara luz do sol devida á *generosidade* do Czar Affonso ou á falta de tempo dos senhores carbonarios?

O numero não deve ser avultado e pouco tempo faltará para que se contem ás duzias, depois ás meias duzias, até chegarmos... ao estado perfeito que se tem em vista: ficar só o sr. Costa á solta e o seu fiel mastim!

Então todos os outros, novos, velhos, ricos, pobres, homens, mulheres, creanças, azues, vermelhos, brancos ou amarellos, gozarão na cadeia, com o seu piolhinho á mistura, os ineffaveis encantos d'este venturoso regimen de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, com cebolinhas de Paz e Amor e mólho de Ordem e Trabalho, á mistura!

Para esse grande dia — o dia por certo mais feliz do nosso bom Affonso! — já pouco falta.

Com este trabalhinho methodico e regular de exportação para as cadeias, nem talvez um mez seja preciso para que o Borges veja esse seu grande sonho realizado.

Tudo prezo! E elle e o grande Affonso cá fóra cantando a *Portuguezia* e rufando a *Sementeira*!

Os processos cada vez estão mais simplificados. Antigamente — aqui ha dois annos, por exemplo — ainda os escolhidos para ornamentarem as prisões da Republica tinham que obedecer a uns certos quesitos. Fallar com um amigo na rua, não cumprimentar o Sr. Affonso Costa, deitar-se tarde ou levantar-se cedo, ir á missa, conhecer um padre, não se querer inscrever no centro democratico, não dar vivas aos chefes dos partidos, ter em casa um oratorio, usar ceroulas azues e camisa branca, possuir um retrato do Rei Dom Manuel, assobiar o Hymno da Carta, dar esmola aos pobres que fossem monarchicos, ir visitar um amigo preso, vender santos, comer peixe á sexta-feira, etc., etc.

Qualquer d'estes *deltetos* era sufficiente para ponto de partida, que é como quem diz para o bilhete d'entrada nos calabouços do Governo Civil, com passagem garantida para o Limoeiro e d'este com transporte gratuito para o *chalet* da Penitenciaria.

Emfim, era um pretexto, mas ao menos existia... um pretexto.

Agora já nem isso é preciso e realmente não vale a pena estarem a incomodar-se com bagatellas.

Actualmente o cidadão ou cidadã é preso pelo systema da loteria — quando lhe cae a bola!

Uma especie de recrutamento militar em que todos teem um numero, sendo a lista geral composta e impressa nas officinas da rua de S. Roque.

Depois vae ao *visto* lá abaixo ao Terreiro do Paço e... começa a distribuição dos premios!

Simplicidade, economia e acceio!  
Digam-nos pois, illustres leitores:

*O que é mais excellente,  
Viver na Hottentocia  
Ou no meio d'esta gente?*

## MEDIDAS D'ALCANCE

O nosso prezado compadre Antonio José Banana de Almeida exhibiu a semana passada, durante tres dias, a sua interessante companhia aero-politica no antigo Golyzen da rua da Palma.

Disseram-se ali varias coisas reinadias e todas ellas de grande alcance lunatico. Mas entre os mais curiosos de todos deve notar-se o problema religioso, em que S. S.<sup>as</sup> fizeram como o outro que *graças a Deus era atheu* e o capitulo do problema financeiro.

Aqui os fecundos economistas discutiram... a regulamentação do jogo! E sobre o assumpto é tudo quanto deram!

Tambem para que se hão-de estar a cançar. O sr. Affonso Costa nunca mais sae do poder...

## ENVIADOS

Pergunta-nos um *indiscreto* se o marinheiro que andava á procura d'um companheiro para esquarterar o sr. Affonso Costa tambem seria enviado pelos *comités* dos thalassas que estão no estrangeiro.

Fique sabendo um *indiscreto* que são todos sempre enviados dos thalassas e dos *jasuitas*.

Elles até estão lá fora mantendo uma fabrica de enviados.

São damnados e terríveis aquellos paivantes!

## OS BUFOS

Muito engraçados os srs. bufos!

Ha dias andou um atraz de nós quasi toda a tarde. O brejeiro, para disfarçar, trazia camisa azul e branca e gravata róxa para inspirar confiança politica e... religiosa!

Diversidíssimos gajos!

E ha-os então de todas as formas e feitios. Até disfarçados de moços de fretes, cordas e tudo. Outros armam em elegantes. Estes, coitados, é que são mesmo uma desgraça, porque com aquella lhuha com que o Supremo Architecto os dotou é o mesmo que trazerem um leitreiro: *ed estou eu!*

Mas o que pretendirão estes reinadios *cidadões*?

Saber o que os thalassas fazem? Olhem cá pela nossa parte é tudo quanto ha de mais simples. Se quiserem um relatoriosinho com horario, é só pedirem por boca.

Que grandes pandegos.

## AINDA O FIASCO...

Sobre a viagem *triumphal* de Sua Omnipotencia, á cidade do Porto, convém tornar conhecido um pormenor que talvez fôsse para o rol do esquecimento.

Mas não vae.

Quando da viagem do Senhor D. Manuel ao Norte, o Hotel America Central, da rua de Entreparedes, ornamenta a sua fachada com colgaduras de damasco, flores, etc., e no seu mastro fluctuou a nossa linda bandeira azul e branca.

Ao passar a carruagem real pelo dito Hotel, os hospedes do mesmo fizeram parar o cortejo, entregando uma senhora a S. M. um lindo *bouquet* de flores.

Os jornaes de então referiram-se a este incidente como poderá verificar quem duvide d'estas palavras.

Pois agora, á chegada do *Omnipoten'e das terras lusitanas D. Affonso VII*, este hotel embandeirou a fachada de principio a fim. Foi mesmo a unica casa que se deu ao trabalho de ornamentação. As outras — bem poucas, por signal — limitaram-se ás já *classicas* bandeirinhas de seis vintens.

Parabens, pois, ao sr. Gama porque... fez figura.

E' bom que tudo se archive.

## AGRADECENDO

O sr. Duarte Leite veiu a Lisboa agradecer ao sr. Manuel d'Arriaga o não ter ainda fallecido d'esta vez, livrando-o assim d'outra engravacão egual ou peor á que sua ex.<sup>a</sup> já teve e que, para felicidade de nós todos, trespassou ao sr. Affonso Costa.

Não ganhou para o susto!...

## COMO SEMPRE

Do *Socialista*:

«Fez-se a republica. Ella ahi está com trez annos de existencia. Não é logar no presente artigo para demonstrar que os mesmos erros e as mesmas violencias á liberdade existem ainda, mas simplesmente nos occorre perguntar o que foi feito das affirmações socialistas tantas vezes e com tamanha eloquencia proclamadas.

Mas ainda que os factos não correspondam ás affirmações, a propaganda feita outr'ora, na opposição, continua ainda. Assim dos republicanos em evidencia, nenhum diz encontrar-se bem no meio em que está; que as suas aspirações são mais largas, mais progressivas.»

Pudera! Já foi com essa cantata que nos tempos da propaganda conseguiram arranjar a meia duzia de *ingenues* que arriscaram a sua vida na Rotunda enquanto S. S.<sup>as</sup> se punham em logar seguro com o futuro garantido para o que desse e viesse.

Chamem-lhe tolos! Mas tolos a valer são os que ainda acreditam n'essa musica celestial...

## POR AVENÇA

O sr. Joaquim Bonifácio é um pacato cidadão muito temente ao sr. Affonso Costa e respeitador de todas as leis da republica. Mas o pobre cidadão tem um defeito: é muito distraído e por isso bastantes vezes lhe acontece passar por malcreado ou menos attento aos symbolos e pessoas d'esta florescente republica, sem que as suas acções signifiquem o seu verdadeiro sentir.

Ainda não ha muitos dias subia o sr. Joaquim Bonifácio o Chiado, com sua virtuosa esposa D. Pulcheria da Emancipação, da Liga das Treze, quando vinha descendo um automovel com o sr. Affonso Costa. Distraído como sempre, o nosso Bonifácio olhou o presidente do ministerio indifferente, sem manifestar o seu respeito com um cumprimento rasgado como é do uso e das praxes democraticas.

— Então tu não cumprimentas o automovel? — Inquiriu severa a D. Pulcheria saracoteando-se toda nos ultimos arrancos d'uma cortezia feminista.

— Quem é?

— Ora essa! Era o Affonso! Então tu estavas a olhar para o automovel e não o viste?!

— Valha-me o Separado! E agora? Se calhar elle viu-me e reparou! Maldita distracção!...

E o sr. Joaquim Bonifácio galgou a correr atraz do automovel, com a esperanza de o agarrar ao virar d'alguma esquina e desforçar-se então da sua falta no Chiado.

Pois este cavalheiro partiu a semana passada para as Caldas da Rainha, e assim que chegou á villa deparou com aquelle celebre edital onde o illustre administrador do concelho faz publico as severas penas em que incorre quem não se descobrir ao som da *Portuguezia*.

O sr. Joaquim Bonifácio ficou perplexo.

— E agora o que hei-de fazer á minha vida?! Com as minhas distracções sou muito capaz de ouvir o hymno e nada!

Foi para o hotel e toda a noite não pensou n'outra coisa. A imaginação desenhava-lhe um quadro horrivel: tinham tocado a *Portuguezia* e elle, como sempre, alheio ao que se passava, deixara ficar o chapéu na cabeça. Uma chuva de murros e bengaladas tinham-no chamado á realidade. Depois a prisão, multa, o epitheto de reaccionario, thalassa, traidor, *jasuita* e paivante. Era justamente esta ultima parte que mais lhe custava. Elle, socio fundador do centro Bernardino Machado — reaccionario! Elle, esposo da D. Pulcheria, da Liga das Treze — thalassa! Elle, admirador entusiasta do sr. Affonso Costa — traidor! Elle, filiado desde os 15 annos no livre pensamento — *jasuita*! Elle, heroe da Rotunda (tambem devido a uma distracção quando ia a fugir) — paivante!

Não. Não podia ser.

Era necessario encontrar uma forma que lhe garantisse possuir sempre immaculados todos aquelles titulos gloriosos, de que se ufanava.

Parafusou no caso até de madrugada, e com os primeiros raios de sol um raio de luz atravessou-lhe o cerebro. Tinha achado.

Correu á administração do concelho.

— O sr. administrador está?

— Chegou agora — informou um continuo fañanhudo de berrante gravata vermelha.

O sr. Joaquim Bonifácio declinou o seu nome e qualidade e minutos depois era recebido pela primeira auctoridade das Caldas da Rainha.

Contou então com permenores minuçosos as suas constantes distracções, entremecendo a narrativa de fartos exemplos dos seus serviços á causa da republica e a sua profunda admiração e respeito pelas leis, symbolos e estadistas do novo regimen que felizmente nos governa.

— E depois? — Perguntou o sr. administrador ao fim de meia hora de historias.

— Como o sr. cidadão administrador tem visto, eu sou muito distraído, e o edital affixado nas ruas do parque indica, e muito bem, severas penalidades para quem se não descobrir quando se toca a *Portuguezia*. Ora pode muito bem acontecer que eu, estando presente e, distraidamente, julgando que se está a executar o hymno da Carta, que eu sempre, como bom republicano, ouvi de chapéu na cabeça e sentado como o nosso grande estadista Affonso Costa, me deixe ficar de chapéu na cabeça, e isso é o diabo.

— Não ha duvida. O caso é grave, mas eu não posso estar a fazer excepções, apesar de se tratar d'um antigo e dedicado correleionario.

— Perfeitamente, nem eu quero tal coisa. Achei uma forma que me parece remediar tudo. Eu avengo-me...

— Avença-se?!

— Sim, eu me explico, sr. cidadão administrador, eu me explico. No principio de cada mez venho aqui á administração e tiro o chapéu uma duzia, duas duzias, tres duzias de vezes, conforme V. Ex.<sup>a</sup> entender. Depois passam-me um bilhete, como se faz na Companhia das Aguas, e vão-se descontando as chapelladas que eu aqui deixo por atacado, por cada vez que eu, por distracção, deixar de descobrir-me na rua quando tocar a musica.

O illustre administrador do concelho, não reprovaendo em principio a ideia, ficou comtudo de ouvir o sr. ministro do interior sobre o caso.

S. Ex.<sup>a</sup> está estudando o assumpto. Como todos certamente concordam, será da maior conveniencia que elle mereça a approvação superior, para evitar que quem, embora sem proposito menos respeitoso, seja por distracção involuntaria attingido pelas determinações biologicas do sr. Rodrigo Rodrigues, collega do sr. Sousa Junior.

## CIRCULAR

(Fragmento)

(Sem pretenções, parodia á de Junqueiro)

Cidadãos é comprar, aproveitad de vez  
Preços excepcionaes, qu'inda mais ninguém fez.  
Preços d'ocassião, filhos do credo novo.  
Politico basar feito só para o povo:  
Vendemos em bom uso um lote d'artificios  
Eguaes áquelles que outr'ora nos comicios  
Espalhámos p'lo ar. O' gente vinde ver  
E como S. Thomé apalpai para crer,  
Não se engana ninguém e se acavou o freguez  
Não ficar satisfeito, dá-se-lhe outra vez  
O importe da compra. Temos tambem aqui  
Um liquido melhor que as aguas de Vichi,  
Faz milagres e até dizem com fundamento  
Que muito usado é na casa de S. Bento,  
E' bom para hemorrhoidal, cura a neurasthenia,  
Por isso o parlamento é casa onde alegria  
Não falta felizmente. Nova imaginação  
Dogmas convençoes tudo em segunda mão.  
Garante-se a fazenda. E' pois comprar senhores  
Diminuta porção de livres pensadores.  
Acreitem que é bóa gente. Afia!  
Como nós receberem na Pia Baptismal  
Agua benta e latim. Crencas revolucionarias  
Por nossa intervenção tornam-se partidarias  
Do governo actual. E' bom que o povo entenda  
Que se trabalha aqui tambem por encomenda:  
A sciencia para nós, não guarda felizmente  
Um segredo sequer, inda o mais transcendente.  
Um manual completo em leis de biologia  
Tira calos sem dor, cura a dispepsia  
Vendemos muito em conta heroes de papelão  
De plastica elegant, feita pelo algodão,  
Vendemos um chapéu em seda, fereiro fino  
Pertença dizem ser do nosso Bernardino  
Pae d'amor e bondade que depois de Jesus  
Não veio com certeza ainda outro á luz.  
Lote quarenta e quatro, um optimo *coupe*  
Que em tempos foi heroe mas que hoje não é.  
E' bom que o povo entenda: a casa faz leilão  
Não é por preciar mas por fim da estação.  
Dois pelinhos da barba do mestre Antonio Zé  
Que põem a falar um proprio modo até;  
Milagre radical devido á evolução  
Que lava felizmente agora na nação.  
Vendemos por mesado em grosso ou atacado.  
Depende do freguez, se for bem abonado,  
E' pois aproveitar, momento tão feliz,  
Pedir informações: Largo do Calhariz.

## BEM POSTOS

Um leitor da provincia diz-nos que pelas photographias que viu nos jornaes, a assistencia do Congresso Evolucionista lhe pareceu mais bem posta do que é costume vêr-se n'outras reuniões identicas.

Era, sim senhor. Tinham todos o casaco vestido, o que já denota um certo progresso.

## UMA HISTORIA

Segundo os versos de Casimiro d'Abreu

|                                   |                                 |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| O Poeta dizia ao Brito:           | Tem paciencia, Zé Fabricio,     |
| — Dá, bonito,                     | Outro officio                   |
| Dá-me, lindo, a tua mão;          | Que esse já não rende nada,     |
| Se me ajudasses, <i>limpino</i> , | Tu fazes a opposição,           |
| Bijousinho,                       | De violão                       |
| Eu faria um figurão!              | E trovas sentimentaes...        |
| Comtigo, eu conseg'ria,           | Não te quero... quero o Affonso |
| Tomaria,                          | Que é mais sonso,               |
| Uma attitude a valer...           | Que é mais sonso... e eu gosto  |
| Opposição implacavel,             | mais! —                         |
| Formidavel,                       | E com elle, o pobre Brito,      |
| Isso é que havia de ser! —        | Coitadito, j                    |
| E o Brito dizia ao Poeta:         | Tão fielmente tem estado,       |
| — Não, pateta,                    | Que — tadinho! — ha-de acabar   |
| Não me mettas n'essa alhada;      | Por levar                       |
|                                   | Um coice do <i>Alliado</i> .    |

## SERÁ POSSIVEL?

Escreve-nos um assignante dizendo que encontrou ha dias o sr. Brito Camacho com uma camisa azul e branca, o que o fez admirar bastante.

Tambem nós estamos banzados não pelas cores, porque os srs. republicanos graduados, para se distinguirem da *gente ordinaria* (como elles dizem) usam repetidas vezes o azul e branco como prova da sua superioridade em materia de jacobinismo popular. A nossa admiração é motivada por outra circumstancia.

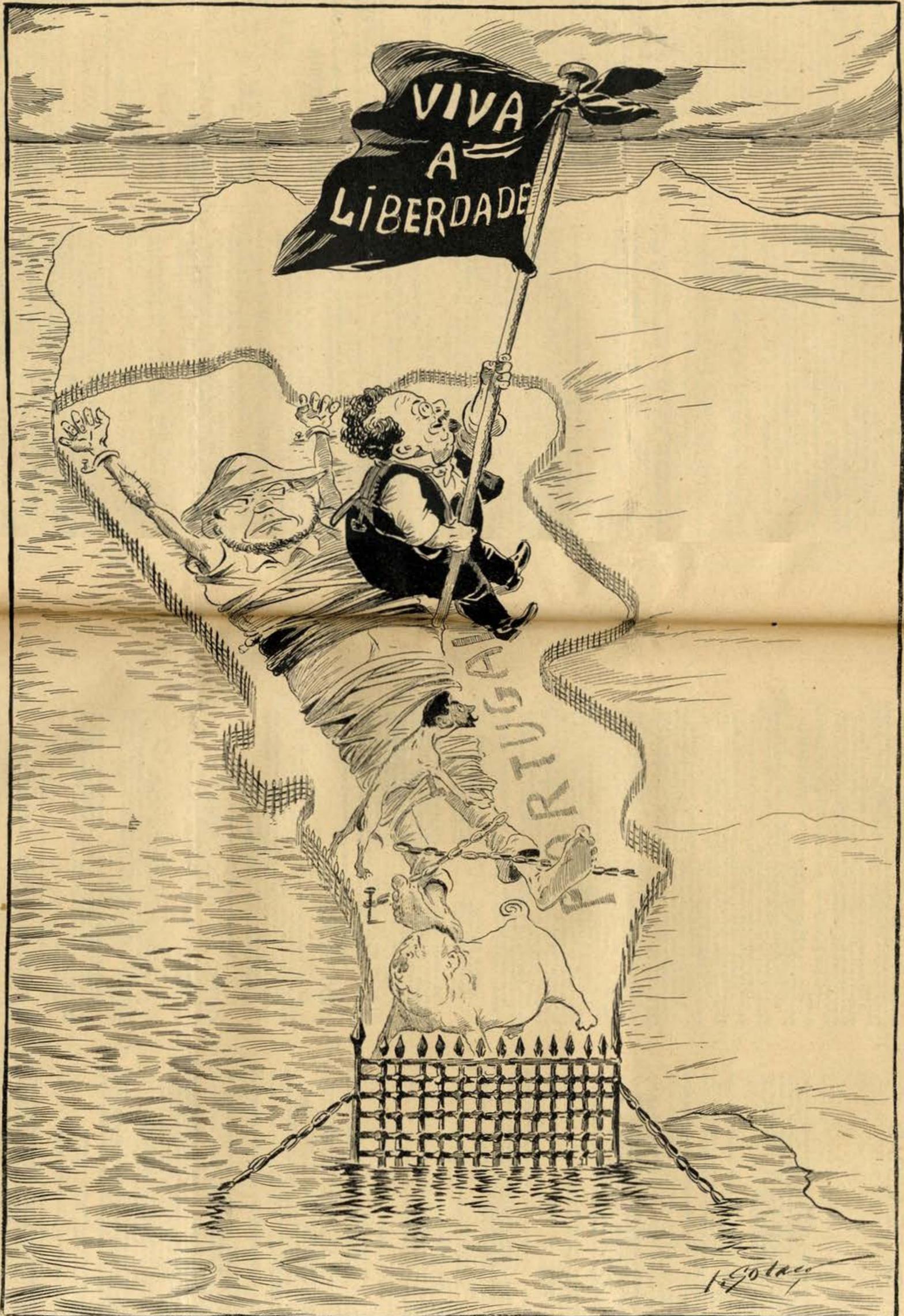
E', como diabo o nosso assignante conseguiu distinguir as cores á camisa e principalmente o branco!

Será possivel? O pecegado terá mudado de camisa e esta ainda não teria passado ao classico acastanhado da sujidade?!

Pois se assim é, são effectos d'aquella noite em que elle foi ao Porto, conversar com o sr. Duarte Leite...

O sr. Bessa é que deve estar escamado!...

# O "DESIDERATUM"



Em nome da "Libardade" está tudo preso!...

## CHRONICA DE VERÃO

III

### O cotillon

No *chaleit* das Alves, na Buraca, realizou-se a semana passada um *cotillon*. Vamos tentar descrever o que foi essa festa brilhante por mais d'um título.

A ideia do *cotillon* nasceu uma tarde, quando todo o rancho já nosso conhecido das chronicas anteriores ia pela estrada fora cantando o *Balancé da neve pura*. Ao chegarem a casa da tia Vicência, gordurosa camponia que fornecia leite para o sítio, a Bia parou fazendo festas a uma das cabrinhas. A Alves acercou-se do animal e todos formaram roda.

— Ai que bonita que ela é!  
— E tão esportinha! Parece mesmo gente...  
— Ora! Ha pessoas com muito menos juizo que essa cabra — observou com malicia a D. Philomena, olhando para o genro.  
— Hei-de trazer-lhe uma fininha com um guizo para o pescoço — declarou a Bia, carinhosa, cofiando o pelo do animalzinho e olhando terna para o Vasco Abreu. Já hoje ha-de ficar enfeitada.  
A Alves mais nova, então, tirou um filhinho vermelho dos *chis-chis* e atou-o ao pescoço da cabrita.  
— Ai! Parece mesmo que me danças o *cotillido*. ... — exclamou a D. Annica cruzando as mãos sobre o abdomen.  
O *cotillon*! Como uma faísca electrica, esta ideia chocou todos os cerebros.

N'essa noite, em casa dos Abreus, ficou assente a festança. As Alves emprestavam a casa e as prendas seriam dadas por todos do rancho.  
— Coisas simples — não é verdade? Estas brincadeiras tem graça quando se não gasta muito. ... — recommendou o sr. Polycarpo, apavorado com mais esta despeza imprevista no seu torturado orçamento.  
O Vasquinho fez a relação e por unanimidade foi escolhido para dirigir o *cotillon*.

— E quem ha-de ser o par do Vasquinho?  
As meninas Alves e a Bia olharam-se clementes.  
— O melhor é tirar a sorte.  
Fizeram-se tres papelinhos e o Vasquinho escolheu um, depois de baralhados no collo de D. Philomena.  
— Bia Silva!  
— Ai, isso foi batota! ... — berrou com a mais malcreada sinceridade a Mimi Alves.

— O' menina, não seas inconveniente. Tu não viste fazer as sortes?!  
Liquidado o incidente, procedeu-se á distribuição das prendas.  
— Primeiro é preciso saber quantos pares se calculam.  
— Olhem, manda-se dizer ás Soares, de Queluz. Só aqui são tres raparigas; com os dois irmãos, cinco.  
— E a Branca e o noivo também veem.  
— Os dois Simões, de Cintra, não faltam se lhes mandarmos dizer. E a Rozinha também e o marido...  
— Não esqueçam a Micas e o Raul.  
— Ai, menina, essa é tão tola!  
— Pois sim, mas não pode deixar de ser. Ainda é parenta do Sá.  
O Vasquinho ia fazendo a contagem.  
Depois de tudo apurado, arranjaram-se quatorze pares.  
— Mã conta...  
— Ora essa, porquê?  
— Porque ficam treze pares sentados. O marcante não se conta porque está sempre em pé!

— Eu confesso que tenho azar com isso.  
— Também eu. Nada de brincadeiras com coisas sérias — afirmou o Polycarpo Silva, agarrando este pretexto para vér se tudo ficava sem effeito e elle poupava uns cobres.  
— Arranja-se mais um par. A D. Philomena pode perfeitamente entrar. Ficou resolvido. A mãe de D. Annica também chocalharia os seus 65 annos magros e ossudos no *cotillon* das Alves.  
— Vamos então agora á distribuição das prendas — propoz o Vasquinho.  
— 15 abanos e 15 passouras das pequenias.  
— Essa marca é de muito effeito. Deve ser a ultima para terminar com o côro da *Vassourinha* e do *Abano* — alvitrou o sr. Abreu.  
— Para o fim lembrava-me antes do *Vira*. Já cá tinha marcado 15 barretes e 15 lenços.  
— Sim, é mais vistoso e mais mexido — apoiou a mãe Alves, saracoteando as ancas.

O Vasquinho continuou lendo:  
— 15 frigideiras e 15 colheres; equal numero de retratos do sr. dr. Afonso Costa e do sr. dr. Brito Camacho...  
— Olhem, essa marca pode-se arranjar d'uma maneira muito original. Cortam-se os retratos ao meio...  
— Oppôno-me — berrou o sr. Abreu. — Cortar S. Ex.<sup>a</sup> é uma falta de respeito.

— Perdão. A minha ideia é, pelo contrario, prestar uma homenagem. Cortam-se os retratos e distribue-se metade do sr. dr. Afonso Costa e metade do sr. dr. Brito Camacho a cada um dos cavalheiros e a cada uma das damas. Os que tiverem as metades que ajustem perfeitamente, dançam a volta.  
— Muito engraçada essa ideia de acertar as metades de S. Ex.<sup>as</sup>.  
— Não ha duvida, é uma homenagem cheia de gentileza.  
O sr. Abreu, por fim, concordou.  
— Realmente é uma homenagem, mas á primeira vista não parecia.  
— E marcas figuradas?  
— Também aqui tenho apontadas umas poucas. A do anzol com o bolo no fim...

— Essa do *inzol* já está muito vista — observou a D. Annica.  
— Mas modifica-se. Em vez de anzol põe-se um chapéu, e na cabeça onde elle acertar logo...  
— Olhe, ó sr. Vasquinho, não se esqueça de pôr a do espelho. Dá sempre muito.

— Já também cá está. E a da guitarra, e do pé coxinho...  
— Olhem que vão sendo horas — avisou o sr. Alves, puxando pelo relógio e bocejando fortemente. O melhor é amanhã dar os ultimos retoques.  
A maioria apoiou e no dia seguinte redigiu-se o programma definitivamente, sendo escolhido o domingo para a *soirée*.

N'essa tarde os comboios de Cintra e de Lisboa despejaram na Buraca os convidados para o *cotillon*, que eram recebidos na estação pelas meninas Alves, pela Bia e pelo Vasquinho.

Eram dez horas da noite quando, depois d'algumas duzias de valsas e *pas-de-quatre*, se começou organizando no quarto de dormir de D. Conceição — a mais ampla divisão do *chaleit* — a roda para o *cotillon*.  
Uma surpresa veio pôr em rebollo n'aquella occasio solemne toda a as-

sistencia da *soirée* das Alves. Foi a chegada de D. Branca Soisa e de sua tia D. Engracia.

— Então vocês assim se esquecem das amigas velhas? Pois eu é que nunca me esqueço e, apesar de não termos sido convidadas, assim que soubemos partimos logo.

A mãe Alves moradia o beijo desesperada com o apparecimento d'aquellas maçadoras e a Bia, já com laço verde muito berrante a pender-lhe do hombro, na sua qualidade de par marcante, correu a deitar agua na fervura recendo alguma inconveniencia de Branca, que era muito boa pequena mas não tinha papas na lingua.

— Olha, filha, não foi por mal. Mas tu tinhas dito que las para Cascaes e por isso...

— E fui. Mas assim que vi no jornal a noticia do *cotillon* pedi á tia e vimos por ahí fora fazer-lhes uma surpresa.

Muito boa ideia, D. Branca, muito boa ideia!

O sr. Alves disse duas gracinhas e tia Engracia começou logo a contar um grande escandalo da mulher do Pimenta, e a naves que por momentos tinha esmabrado a *soirée* dissipou-se rapidamente.

— Faltam cadeiras — berrou o Vasquinho a suar muito, passando revista á sala para vér se tudo estava a postos.

— A Rozalina que chege lá a casa a buscar mais — ordenou a D. Philomena, esticada n'um vestido de seda lavrada com papo de setim amarello, onde o medalhão com o retrato de seu defuncto esposo resplandecia magestático.

Não ha lá mais nenhuma, minha *señhora*. Já cá estão todas cinco... — observou a Rozalina da porta de entrada.

— Esperem. Arranja-se com uma taboa atravessada entre duas cadeiras... Minutos depois estava tudo a postos. A D. Gabriella, conceituada esposa do pharmaceutico do sítio, arrancou as primeiras notas ao derreado piano, cedido gentilmente pela professora da escola primaria, e o Vasquinho e a Bia sahiram languidamente ao compasso da valsa dos *Sinos de Corneville*. Uma salva de palmas echou pela sala.

A filha do sr. Polycarpo tinha deslumbrante, n'uma *toilette* côr de rosa vivo com um cinto preto de grande fiavela dourada, todo bordado a retalh. Na cabeça, dois *crysanthemos*, já um pouco murchos, grandes como refolhos e atados por uma fita rosea, onde um grande gancho de pedras falsas brilhava como vidros de garrafa aos raios do sol. Entalado no cinto um lenço de seda creme com um ramo bordado na ponta a adornar um B. S. muito bem lançados.

O Vasquinho ia em tudo digno do seu paé e d'aquella que o seu coração havia eleito desde o beliscão do pic-nic do Pinhal Novo, envergando um corceto *smocking* de fazenda grossa, que a fazia distillar. O peitinho da camisa brilhava como um espelho, onde o laço da gravata de setim creme punha uma mancha de lua empallidecida. Entalado no collete em forma de V, um lenço vermelho punha uma nota democratica e elegante que fazia arremelgar os olhos das Alves, furiosas por não terem sido as preferidas.

Era meia noite quando chegou a vez da marca da guitarra. O Vasquinho conduziu a Bia para a janella de papelão onde os trovadores deviam ir cantar, até que a dama escolhesse um par para ser.

Deu-se então um incidente desagradavel. O Vasquinho, que foi o primeiro a empunhar a guitarra, dedilhou amorosamente:

Quando te vejo sorrindo  
Os labios côr de carmin,  
Digo baixinho ás estrelas  
Sorrirás tu para mim?

Oh! duvida! Oh! duvida!  
Cruel interrogação,  
Que de noite e de dia  
Me espreme o coração.

A Bia, enlevada n'estes cantares que lhe atravessavam o peito, debruçou-se mais da janella e, escorregando-lhe um pé, cahiu de cima do banco e veiu estalar-se com o peitoril de papelão e chita no meio da sala, toda descomposta.

Teve então que se interromper o *cotillon* para friccionar com arnica e alcohol as coxas doridas do par marcante. E só ás 2 horas da manhã a *soirée* pôde continuar com a filha do Polycarpo muito amachucada pelo trambulhão.

E enquanto a Mimi Alves segredava furiosa á Berthia Soisa — que tinha sido bem feito para não estar sempre toda esbugalhada a alitar-se ao impellicante do Vasco, a Bia segredava coxeando uma volta da mazurka:

— Foi o coração que me pezou mais por causa dos teus versos e cahiu...

## FADO CELESTIAL

Este bello trecho de musica, que foi ultimamente lançado no mercado, é devido ao talentoso compositor sr. Socreo da Costa, pertencendo a letra ao distincto poeta sr. Luiz Mascarenhas.

O *Fado celestial* foi cantado pela primeira vez, com grande exito, pela companhia infantil d'opereita italiana no Colyseu de Lisboa, e o successo que obteve foi uma merecida consagração ao seu illustre auctor.

Agradecemos pelo exemplar enviado ao *Thalassa*.

## OUTRO "ÓRRIVEL CRIME"!

A *Capital*, n'um telegrama do Porto, dava ha dias conta d'outro «órrivel crime» n'esta noticia:

«Por denuncia, foi preso o ex-marinheiro Antonio de Castro, sobre o qual pesa a accusação de tentar alliciar um companheiro que fosse a Lisboa com elle, para attentarem contra a vida do presidente do ministerio.

Diz-se que lhe foram encontradas cartas e documentos compromettedores não só para elle, mas ainda para outras pessoas. Nada, porém, de positivo se sabe, porque a policia guarda a maior reserva sobre as diligencias que tem effectuado.»

Este é muito mais serio do que o pavoroso attentado do limpa-unhas! Segundo informações muito reservadas, sabemos que o ex-marinheiro se propunha afogar o sr. Afonso Costa no caneiro d'Alcantara, andando a alliciar outro companheiro para levar o Czar em charola desde o Terreiro do Paço até ao local do crime.

Até causa *gomitos* tanta malvez!

## O "BRILHANTISMO, D'ELLES

Na redacção d'uma lamparina que para ahí vegeta, o redactor para o continuo:

— Vá lá á *Casa Portuguesa* e traga-me um frasco de tinta *arithmeticamente* fechado.

Breve havemos de o ver deputado; será mais uma *lucana* que se preenche...

## PLEBISCITO

## QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NÓNES,?"

Ao cónico (\*) Nónes

Estava um Deus estudando  
(Isto foi na antiga Grecia)  
A historia d'um rei normando  
E o gato da Dona Mécia;

Mas como em geographia  
Não era lá sabichão,  
Viu se pela economia  
Resolvia a equação;

E agarrando num cadinho,  
O eminente sociologo,  
Esbateu tudo a esfuminho  
P'ra não cair de geologo.

Assestando a sua luneta,  
O astronomico tão ingente  
Viu uma planta faceta  
Com pés como tem a gente.

Fritou isto, o lunático,  
Juntou-lhe a lei de Pascal  
E, excellent mathematico,  
Estudou a fundo o animal;

E viu que o caso bicudo,  
Que até ali se apresentara,  
Era um sólido reboludo  
Formado de muitos cones  
E todos a argumentar,  
E o mais *parlamentar*,  
O Rei de todos os Nónes,  
Um Nónes fim de estação,  
Era o da Matta austero  
Em quem o meu coração  
Deita o seu voto sincero!

Porto, julho 1913.

Na Associação de classe  
Dos Nónes portuguezes,  
O mais Nónes da classe  
E' o João de Menezes.

UM OMINOSO.

(\*) Sinónimo de bicudo.

Eclipsa todos os outros,  
Tem arrobos de talento.  
E' o Nónes mais completo  
Que tem entrada em S. Bento.

Fizeram-no Senador,  
Mas isso ainda não basta.  
Anda morto... anda doidinho  
Por apantiar uma pasta!

E verdade, verdadinha,  
Quem o não fez já ministro  
E' culpado — podem crêr —  
De andar torto tudo isto.

Torradinhas com manteiga  
Por cima café e limão,  
Façam o Tasso ministro  
Dêem-me essa consolação.

UM TROPA.

*Lisandre* de Barros  
Homem de talento  
Que no *parlamento*,  
Coçando o nariz,  
Asneiras só diz.

Se acaso abre a bocca  
Só sabe *rodrigitar*,  
Sabe só patetiche.  
Dos Nónes a flor  
E' elle sem favor.

Porto.

A. P. C.

VISIUS.

Sempre disse e inda direi,  
Desminha quem fór capaz:  
-Para lamentar mais nónes  
Não ha do que o Thomaz

Da Fonseca, entendido,  
O tal da lei das creadas;  
Tanto nos tem divertido,  
Com as suas calinadas!

UM THALASSA.

## O "ASSASSINO,,"

Já foi posto na fronteira aquelle pandego do Cunha Neves que queria dar dois tiros com um canivete e uma punhalada com um chapéu de chuva no illustre chefe do governo.

Oh, generosidade onde te albergaste!...  
E ainda haverá quem tenha a pouca vergonha de dizer mal dos pepinos d'esta pepineira?!

Tão bons pequenos, que nos divertem tanto!

## FADO DO ORRIVEL CRIME...

Para cantar com musica do Mouraria

MOTE

Na estação de Santarem,  
Que de thalassa é coio...  
Um criminoso apraceu  
P'ra assassinar um cambóio.

GLOSA

A' tabella fumegando  
Com carruagens arrossa  
Onde ia o Alfonso Costa  
C'os amigos viajando,  
Nos Olivares apitando  
A Sant'Anna chega bem  
Sem poder pensar ninguém  
Que um criminoso de luva  
Estava c'um chapéu de chuva  
Na estação de Santarem.

Tinha vindo do Brazil  
Trazendo sempre na mão  
A arma que de antemão  
Alli comprára em abril.  
Está no Governo Civil;  
Não é chapéu de saloio  
Mas de malvado com joio  
Por ser dos mans o primeiro,  
Vindo do Rio de Janeiro,  
Que de thalassa é coio...

Affonso ia *sastifeio*  
Má-a a sua companhia...  
Só a agua que fervia,  
Mostrava grande despeito  
A puxar por tal sujeito,  
De repente o céu esc'ceu  
Ao povinho um ar lhe deu...  
Ninguém á estação quiz ir,  
Voz possante faz-se ouvir;  
Um criminoso *apraceu*.

Julgando ser p'ra matar  
Do governo o presidente,  
Foi preso por convivente  
N'um *complot* d'além-mar.  
A Lisboa veio parar,  
Pancada levou a moio.  
Mas não lhe encontraram joio,  
Pelo que foi exilado  
Com esta nota: COMPRADO  
P'RA ASSASSINAR UM «CAMBOIO»!

JUPITER.

## SEMPRE GOVERNAMENTAL!

Ha nas Caldas da Rainha um pandego que foi progressista sempre... que o sr. conselheiro José Luciano estava no poder. Um bello dia passou a estar o franquismo de cima e o homem, que, através de tudo, *é sempre governamental*, lá entendeu e entendeu bem que tinha de adherir ao franquismo, que, como o progressista, era um partido de governo da Monarchia. Para se integrar no partido do sr. conselheiro João Franco, o *homensinho* começou por solicitar uma apresentação ao futuro chefe, apresentação que foi feita por um amigo commum do pandego e de quem escreve estas linhas.

Tempos depois appareceu no extinto *Jornal da Noite* prosa rubra do tal, sobre *escandalos* que se davam em determinado estabelecimento. Essa campanha teve continuação no empastellado *Correio da Manhã*, e terminou... na *Lucta*, do sr. Camacho.

Hoje aquelle prostituto politico não mudou d'orientação; ainda *é governamental*... está no partido do sr. Affonso Costa.

Dizia elle ha dias a alguém que o conhece de *ginjeira*: *«eu nunca fui monarchico; desafia quem quer que seja que possa desmentir-me...»*

Oh, desgraçado!

A ambição ensandeceu-te!

Nem a alma se te aproveita... porque os inconscientes nunca tiveram alma, senão nas botas.

## BARRO Á PAREDE...

Generam os pretos annunciando a candidatura de deputado do sr. José Alpoim, antigo chefe da dissidencia progressista e um dos grandes cooperadores do que ahí está.

Sua Excelcência desmentiu o boato.

Achamos bem; ainda está pintado muito de fresco...

## DESENGANO

Ao "illustre poeta" Antonio José d'Almeida

«Meu dinheiro gastei na lida insana  
De comprar um balão que me tentava!  
Ah! cêgo, eu cria; ah! misero, eu sonhava  
Ter vocação p'ra a vida aeroplana!

De que luas gentis a mente ufana  
Este infeliz toutigo enferrujava!  
Mas eis que, quando menos o esperava,  
Precipitado fui na terra plana!...

Collegas, socios meus, e meus tyrannos,  
Este caco que estulto em si não coube  
No inferno nos sumiu dos desenganos.

Patria! quando a lua a luz me roube,  
Juizo eu ganhe ao fim de tantos annos:  
Saba viver o que morrer não soube!

## "CABO D'ORDENS"

Afinal o chefe da *Oniã* vae n'um *descendo* assustador. Agora o patrão Affonso, que foi seu antigo socio, já o manda de frete aviado a terras do norte, em busca d'um presidente substituto.

Pobre chefe.

## THEATROS

Republica. — A's 8,45 e 10,30 — *De capote e lenço* (revista).Apollo. — A's 9. — *Amor á sôta*.

Avenida. — A's 8,45 e 10,30 — *O 31!* (revista) com o quadro *A'lérta está*.  
The Splendid Foz Garden. — Continua sendo este o ponto de reunião preferido pela nossa sociedade.

## ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

Olympia — Rua dos Condes.

Trindade — Rua da Trindade.

Central — Avenida da Liberdade.

Chantecler — P. dos Restauradores.

## EVOLUÇÕES DO "EVOLUCIONISMO"



Sobre a Hottentocia